

SILVA JARDIM

# SALVAÇÃO DA PATRIA

(GOVERNO REPUBLICANO)

SEGUNDO OPUSCULO (SUPLEMENTAR)

## A REVOLUÇÃO

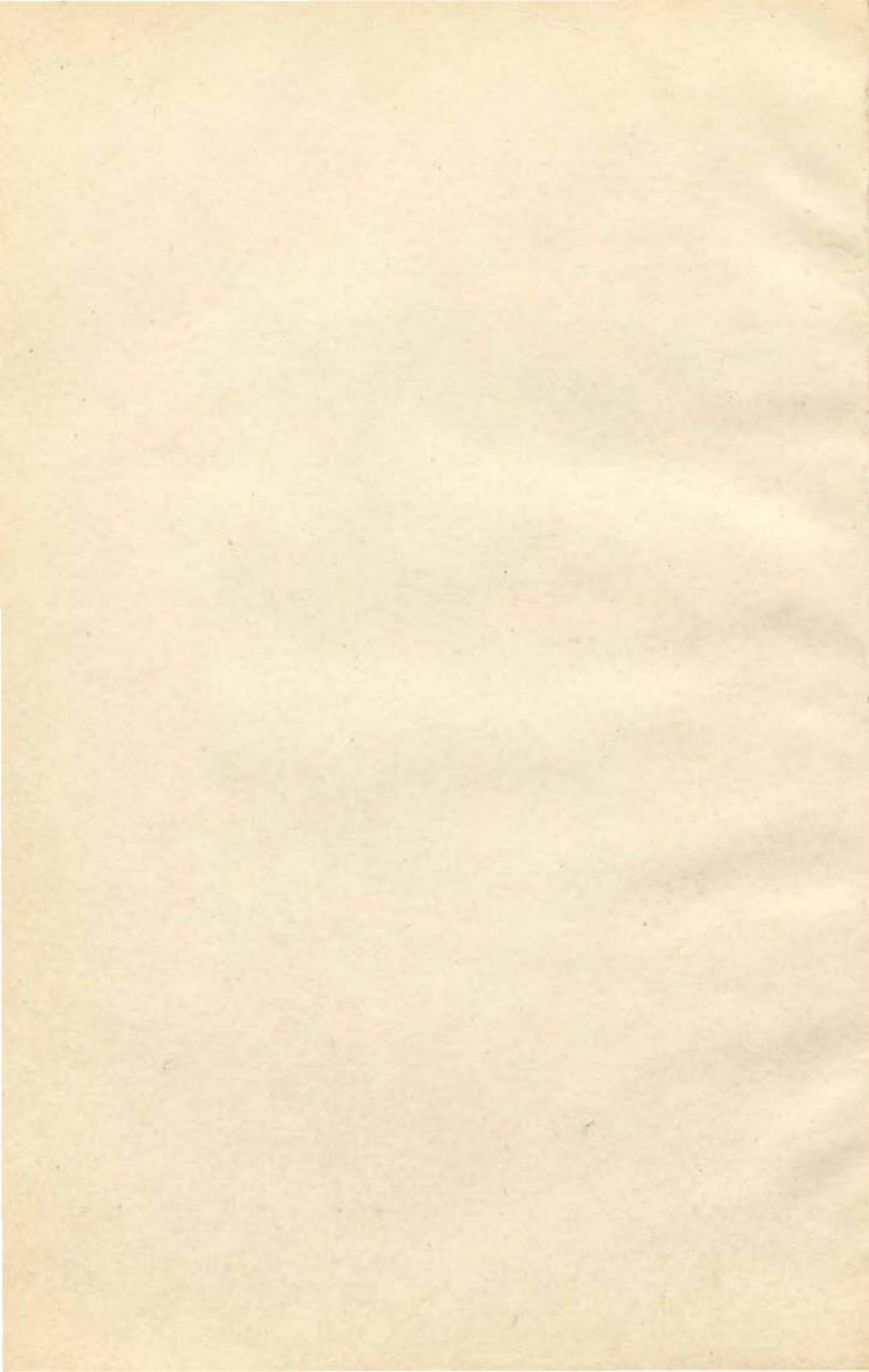
DISCURSO PRONUNCIADO NO CONGRESSO REPUBLICANO DE  
SÃO PAULO, EM A NOITE DE 24 DE MAIO DE 1888

V  
320.981  
J37  
SPG  
1888

SANTOS

1888

CENTESIMO ANNO DA GRANDE REVOLUÇÃO



SILVA JARDIM

# SALVAÇÃO DA PÁTRIA

(Governo Republicano)

SEGUNDO OPUSCULO (SUPLEMENTAR)

## A REVOLUÇÃO

Discurso proferido no Congresso Republicano de São Paulo, em a noite de 24 de Maio de 1888.



SANTOS

Typographia a vapor do Diário de Santos

1888

Centesimo Anno da Grande Revolução

SILVA JARDIM

---

# SALVAÇÃO DA PATRIA

(Governo Republicano)

SEGUNDO OPUSCULO (SUPLEMENTAR)

## A REVOLUÇÃO

Discurso pronunciado no Congresso Republicano de São Paulo, em a noite de 24 de Maio de 1888.



SANTOS

Typographia a vapor do Diario de Santos.

1888

Centesimo Anno da Grande Revolução

✓  
320.987  
437  
SPG  
1888

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número

449-f

do ano de

1974

*Delegado dos republicanos da Cidade de Santos perante o Congresso Republicano, na qualidade de substituto do primeiro representante, então enfermo, proferi 'naquella reunião, ao discutir-se qual a attitude do Partido perante o terceiro reinado, o discurso que hoje sahe á luz da publicidade.*

*Tendo assumido, desde o começo do anno que corre, uma attitude directamente revolucionaria contra a nova ordem social e politica que se prepara em nosso Paiz, julguei de meu dever expôr francamente aos meus correligionarios minhas opiniões e meus desejos a respeito; e tive a fortuna e a satisfação de vêr que erão os da Assemblêa inteira:—pelo discurso que se seguiu, do illustre chefe republicano, dr. F. Rangel Pestana, e pelas resoluções tomadas pelo Congresso, já expostas ao Publico no novo Manifesto do Partido Republicano Paulista.*

*Possa a publicação d'este trabalho levar os espiritos esclarecidos e os corações patrioticos a meditação que lhes gere esta commicção que todo me possui:—da necessidade, no momento actual, de um pronunciamento energico dos Brasileiros para a eliminação da Monarchia na America!*

*Junho de 1888.*

*SILVA JARDIM.*

SECRETARIA DE ESTADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 479

do ano de 1974



(*Sendão-lhe dada a palavra pelo Presidente do Congresso,  
o sr. dr. Prudente de Moraes, diz o Orador:)*

Meus Senhores, eu sustentei há pouco com outros correligionarios que esta moção relativa á attitude do Partido Republicano diante do terceiro reinado devia ter preferéncia na discussão á que se refere á separação da Provincia de S. Paulo do Imperio, porque me parece que todas quantas decisões possamos tomar, dependem da resposta que dermos á pergunta que a moção presente envolve. De facto, antes de resolver si nos consentirem s resignados a soffrer a monarchia brazileira na nova phase em que ella vai entrar, ou si a combatere-mos com todas as nossas forças, não poderemos affirmar si nos empenharemos na instituição da Republica Brazileira, ou si na organização da Patria Paulista

Neste mesmo recinto, em conferencia do *Club Republicano*, eu já manifestei me sobre a questão separatista. De accôrdo com a observação historica, que nos ensina o desmembramento, de si irrevogavel, dos estados demasiado vastos, começado no ultimo seculo com a independéncia dos Estados Unidos, e continuado com a formação das nações ibero-americanas, não obstante, já no primeiro, já mormente no segundo caso, a identidade da lingua, do culto e dos costumes, — de accordo com a previsão sociologica, que aconselha esse desmembramento para garantia de ordem e progresso internos e de paz exterior geral, dissipada a possibilidade das invazões,

e erguido e amor patriótico, eu sou pela constituição das pequenas nacionalidades, ligadas entre si pela só federação espirital. E, pois, para o Brazil, cuja extensão é, em verdade, exorbitante, embora eu deseje, primeiro, um conjunto de reformas geraes para toda a communitade, sou pela sua organização em muitas Patrias; eu quizera, emfim, a *unidade da Republica Brasileira, para sua gradual e pacifica desagregação*; nem julgo que possa ser isto irrealisavel e utopico, desde que é o ideal politico scientifico.

Mas, o que acima de tudo sou, é republicano: o que acima de tudo nós somos, é republicanos, é patriotas; o que portanto, acima de tudo nós somos, é adversaries, actualmente inimigos mesmo, da Monarchia em nosso Paiz; o que a todos nos invade é a convicção de que ella é hoje um perigo social, um elemento de perturbação e de lucta, pelo seu antagonismo com as aspirações nacionaes, corpo estranho que é no organismo brasileiro; o que nós queremos, portanto, acima de tudo, parece-me, de um modo mais ou menos perfeito, com federação, com unitarismo, ou com separação, é a Republica, é a eliminação da Monarchia, extinção do privilegio de casta, e governo da Opinião. Resta saber, si para instituir o novo regimem politico, queremos combater sem treguas o antigo, na sua nova attitude; si podemos faze-lo; em que terrenos, e com que meios, de sorte a impedir mesmo de instalar se, e muito mais de fixar se, esse terceiro reinado, que tão justamente para nós se affigura triste época em que, ao lado da desordem administrativa, da orgia financeira e da politica corruptora, característicos do governo do Imperador moribundo, teremos a oppressão material do militarismo e do argentarismo, personificados no Principe Esposo, e a oppressão moral do beaterio papista, encarnado na futura Imperatriz: — tyranhia á fortuna, tyranhia ao trabalho, e tyranhia ao pensamento: imposto exorbitante, recrutamento forçado, e persoguição ás convicções.

Tenho confiança, Senhores, que o Partido Republicano não quererá outra cousa, si não oppôr-se com-

pletamente a essa situação. Não creio mesmo que as palavras do nosso illustre correligionario que declara a moção mera these rhetorica, e que parece duvidar tenhamos forças para assumir uma attitude de inteira hostilidade perante o terceiro reinado, sejam outra coisa sinão o estratagemma do chefe experiente, que na vespera da batalha sonda os animos, que estuda o terreno, que incita á lucta os soldados, fingindo menosprezo pelo seu valor para melhor atear nelles a aspiração do combate com a victoria. Não me parece que o partido republicano paulista tenha sido um partido de «parola», como é claro que não tem sido um partido de revolução: julgo sim ter-se elle constituido um agremiamento de propaganda pacifica contra as instituições monarchicas, usando por armas a convicção esclarecida, o auxilio calmo e constante á marcha da evolução brazileira e humana, que certamente nos leva ao governo republicano; seria grande injustiça apoda-lo de paroleiro, seria desconhecer sua influencia sobre a mentalidade paulista, e mesmo patria. Penso, porém, ser tempo em que esse partido, sem sahir radicalmente de seu programma evolutivo, se prepare para a accção, pela comprehensão bem exacta do que se deva entender por essa evolução.

De facto, Senhores, a evolução das sociedades humanas, não é o que espiritos sem patriotismo, ou pouco intelligentes e pouco profundos, inspirados por um egoismo commode, falsamente em nome da sciencia social, tem querido fazer comprehender á massa dos cidadãos que abraça a doutrina republicana, de fé, de desejo de regeneração; — não é uma fatalidade independente em absoluto da accção do homem, como por exemplo aquella pela qual um corpo lançado no espaço irrevogavelmente cahê para a terra. E' certo que tudo está sujeito a leis, e que, objecto da evolução humana, somos a ellas sujeitos, do mesmo modo que a Humanidade; é certo que o homem se agita e essa grande existencia o guia; — mas não é menos certo que *para completar as leis são necessarias vontades*; de sorte que o homem é tambem um agente da evolução social, o qual pode porsua accção acelerar-lhe ou retardar-lhe a mar-

cha, e cujo concurso directo, é, pois, necessario para toda a transformação, mormente para a transformação politica, pratica, das instituições, e dos actos.

Nem mesmo, a evolução humana no seu apogéo de aperfeiçoamento poderá excluir a Revolução. De um modo geral, depois da descoberta das leis sociologicas que demonstraram ter chegado a sociedade ao terceiro estadio de sua intelligencia, a demonstração, de sua actividade, a paz, e de seus sentimentos, a fraternidade, e que ensinaram ser a politica uma sciencia, e se governarem os paizes, não pelo dedo de Deus ou pela vontade unica das multidões, e sim pelas leis sociais, completas por vontades competentes, pode-se afirmar que está fechada a era das revoluções *systematicas*; mas concluir d'ahi que a Sociedade d'ora avante fará sua ascensão para a perfectibilidade com a magestosa serenidade da rotação de um astro, sem abalos nem convulsões, é desconhecer a natureza dos seus elementos, os homens, sêres perfectiveis, mas por isso mesmo mudaveis, sujeitos á tormenta das paixões, em favor do mal, ou em favor do bem. Da mesma arte que é utopico querer banir do organismo phisico a molestia, assim é impossivel banir do organismo social a revolução. Ella consistirá mesmo, eternamente, o supremo recurso da massa popular, do proletariado, fraco pela riqueza, mas poderoso pelo numero, contra as imposições do poder politico tyrannico, ou do poder moral sem moralidade. Os mesmos pontifices catholicos reconheceram, na sua admiravel perscrutação da natureza humana, a necessidade de *systematizar* a insurreição, já que viam impossivel eliminar do coração do homem essa garantia de liberdade e esse dever excepcional.

Quão felizes seríamos nós, si na Patria Brasileira não nos tivesse obrigado o patriotismo a lançar mão d'esse recurso extremo! Quão felizes si a actual situação do Paiz não nos coagisse ainda a emprega-lo para a instituição do Governo Republicano! O Fundador da Sociologia, Augusto Comte, meditava para seu Paiz applicação de politica mais scientifica, mais ordeira, e pois, mais aconselhavel: a transformação da Monarchia



em Republica, pelo proprio Imperador, então Napoleão III, urgido, na hypothese, pela opinião publica, em que a Philosophia do Reformador teria feito escola, sob sua grande acção e propaganda. No Brazil, da mesma sorte, por uma applicação da theoria fundamental, o Monarcha, ao impulso da opinião, abdicando do privilegio hereditario de casta, e operando igual transformação, indicaria á Nação um Successor, que ella, de um ou de outro modo, confirmaria. Mas a opinião republicana positivista não se formou de modo a pezar sobre os governos, pela fatalidade da morte do Reformador; de sorte que só pelo desgraçado abalo de 1870 voltou sua Patria ao governo republicano; e entre nós, pela tardia e difficil divulgação de sua doutrina, não temos feita essa opinião, quando, entretanto, o actual Imperador está á morte, e pretendem subir os degrãos do throno um Principe ex-patriado e guerreiro: — perturbador; e uma Princeza fraca e beata: — incapaz; — ambos ameaça aos destinos da Patria, que, sem exagero, pode ser dita em verdadeiro perigo. Pois si seria ingenuidade imbecil ou criminosa má fé afirmar a capacidade de Gastão de Orléans e de Izabel para tamanha previdencia politica, e tão alta missão social, pois si a revolução não se pode fazer pelo alto, pois si a massa da Nação por si e por seus órgãos competentes pede altamente reformas, e reformas, que absolutamente não podem ser adiadas sob pena de anarchia profunda, e si o poder é incapaz de realiza las, porque todas leva iam á eliminção da propria monarchia, — só nos resta o segundo meio de reformar, de baixo para o alto, a reforma pela Revolução, pela intimação popular. Si a Revolução Franceza, des que não foi realizado o plano de Turgot, que a faria do governo, foi justificada, porque não o seria a Revolução Brazileira, produzida por um povo em circumstancias si não identicas pela mízeria e oppressão soffridas, semelhantes comtudo pelo desejo de progresso e de bem estar impedido sempre, e para o qual é tão claramente destinado pela natureza que o cerca, pela raça que o produziu, e pelo organismo phisico e moral que elle riqueza, amor e gloria?

Acima de tudo, Senhores, está o amor à Patria. O principio da fraternidade, que manda a Paz, é feito para facilitar a expansão d'esse amor, não para empecel-o. Acima de tudo está o dever de servir a essa Patria: a politica scientifica, que manda a Ordem, é feita para melhor realisação d'esse serviço, não para obsta-lo. A politica scientifica não pôde mesmo excluir em absoluto a violencia. Como a indignação e a revolta, a violencia nem sempre é condemnavel: paz não quer dizer apathia, sciencia não quer dizer indifferença, fraternidade não quer dizer impudor perante as affrontas. Até os santos se indignaram; até os sabios se revoltaram por vezes. August Comte foi o fundador da Sociologia, foi o revelador da politica scientifica, mas, quando Napoleão III planejou sua transformação de chefe de Republica em Imperador, elle levantou-se de modo tão energico contra o restabelecimento do Imperio, que articulou, nesse momento mesmo, e diante de testemunhas, os motivos sociaes e politicos que «condemnavam a Napoleão III, e podiam fazer lhe caber a sorte de Carlos I de Inglaterra», isto é, a execução: e com o Senador francez Vieillard, seu consecretario, teve larga e solemne conferencia em que aconselhou-o, quando se propuzesse o restabelecimento da monarchia em favor dos Bonapartes, pedir a prisão do principe indigno e a sua condção a Vincennes para ali ser julgado; Vieillard não teve a energia inteira para um tamanho dever, mas uma voz, uma só, votou no Senado contra a restauração imperial:—essa voz foi a sua:—e aconteceu isto em 1852; e a sciencia social estava fundada, e o tempo das revoluções parecia acabado. Triste sciencia seria essa, Senhores, a que nos isolasse nos gabinetes, deixando nossa Patria entregue aos botes dos ambiciosos vulgares que fazem do poder um instrumento de prazer, e um meio de renda escandaloso!

O ultimo termo d'uma evolução é mesmo, Senhores, um acto revolucionario. Evolução implica progresso. É certo que o progresso não é uma modificabilidade infinita, como o pensam alguns, o que alteraria a ordem fundamental, e sim uma modificação no que existe,

resultante da propria natureza das cousas, e sujeita a uma certa lei: o progresso é o desenvolvimento da ordem. Mas nas epochas anormaes, como aquella que atravessa o Occidente inteiro, em que ha do antigo regimen muito a pôr abaixo, todo o progresso, toda a reforma, implica um acto de energica destruição, um acto revolucionario, condição da substituição consequente. O que nós temos sempre visto, já em nossa Patria, já nas outras, é que, quer a reforma parta da espontaneidade dos governos, quer parta da exigencia da opinião publica, é sempre feita *ex-abrupto*, de modo a alarmar os espiritos conservadores da Sociedade. No nosso paiz mesmo o que foram sinão actos revolucionarios, embora abençoados por todos os brazileiros, a lei de 28 de Setembro de 1811, que libertou o ventre da mulher escrava, iniciativa do poder, e a lei de 13 de Maio de 1888, que aboliu a escravidão, exigencia popular? O estadista unico que planejara preparar-lhes a marcha natural, José Bonifacio, o velho, viu seu admiravel projecto cahir em esquecimento. O puro empirismo dá lugar a estas revoluções fataes. Os directores politicos se succedem no poder sem a menor continuidade nos serviços publicos: o imperante é, ou uma vontade perturbadora e egoista, ou que simula retrahir se, á espreita do pensamento nacional; mas um plano de governo não acompanha a sua intervenção;—de modo que um bello dia a necessidade de instituições liberaes inspira ao primeiro ministro adventicio, accorde com a vontade real, uma medida de progresso: é imposta de surpresa quasi á massa nacional que a não aguarda:—acto revolucionario. Ou então a opinião publica faz-se pelos seus órgãos cabeça da sociedade: conversa, discute, escreve, ora, reclama, exige, grita, impõe: o governo, atterrorisado, medroso da anarchia, do aniquilamento das instituições, ou cede, ou cahe, realizando-se sempre o ideal desejado:—acto revolucionario. E' o que nós vemos em nosso paiz: é o que a imprevidencia de microscopicos homens de Estado nos tem sempre preparado. Foi o que se deu na questão servil: é o que se dará na questão de forma de governo.

Porque, é ou não certo que a Monarchia é um factor isolado na sociedade brazileira? Tem ella o apoio theologico, clerical? Não tem. Tem o apoio metaphisico, academico? Não tem. Tem o apoio dos homens de sciencia? Não tem. Tem o apoio dos partidos? Não tem. Tem o dos sentimentos do Paiz? Não. O dos seus costumes? Não. O da força publica? Duvidoso. Mas é ou não certo que, na sua applicação, a Monarchia nos tem sido um governo resistente ao progresso? Não tivemos até há pouco a escravidão do homem? Não temos a igreja mantida pelo estado? Não temos um pessimo ensino superior? Não temos uma geral ignorancia da instrucção primaria? Não temos as provincias pessimamente divididas? pessimamente administradas? pessimamente representadas? um parlamentarismo vão? as finanças desorganizadas? o territorio desconhecido? o littoral desaproveitado? as industrias sem impulso? a lavoura inculta? o commercio abalado? os limites indecisos? o proletariado desprotegido? Mas é ou não certo que a Monarchia mostra-se incapaz de garantir a ordem? Que as provincias tendem á desaggregação, á sublevação? Que a autoridade é desrespeitada? Que a propriedade é sophismada? Que as povoações são victimas de desordens? Que não são policiadas? Que as forças estão indisciplinadas? A magistratura sem segurança? Que as guerras serão possiveis, quasi certas? Que o desamor pelo throno levará ao desamor pela Patria e que a Patria será talvez fracamente defendida? Que as instituições fundamentaes da sociedade correm perigo, pois que a instituição monarchica, que não é fundamental, leva tudo á corrupção, á apathia, á decomposição, ou á revolta? Mas é ou não certo que os nossos governadores aggravaram ainda mais a nihilidade das instituições? Que Pedro I inclinou se para o maior despotismo? Que Pedro II durante meio seculo de reinado tendeu para a maior inercia? Que é incompetente Izabel I para governar?... E' ou não o sr. Conde d'Eu um espirito bellicoso, dominador e retrogrado? será ou não elle o nosso Imperador? E' ou não exacto

que a casa de Bragança não nos apresenta homem a substituí-lo? E' ou não exacto que não possuímos outra dynastia no Paiz? Que seria o maior dos absurdos inventar uma, ou importa-la do estrangeiro? Mas será ou não exacto que o sr. Conde d'Eu não é capaz de nos dar um governo livre, pacifico, progressista, mas sim de empenhar a nação no argentarismo, no militarismo e no clericalismo? E' ou não um usurario esse Principe? um guerreiro? um devoto? Será apto á transformação da dictadura monarchica em republicana? Da abdicação do privilegio de casta?—Mas, afinal, pode o Brazil dispensar essa transformação de monarchia em Republica? Não pôde. E si a não pode dispensar, poderá fazê-la pelo Governo? Não poderá. Como ha de fazê-la então?—pelo Povo: pela Revolução.

Falais em Ordem, dir-me ão, e appellais para a Revolução. Que os tranquillos, isto é, os indifferentes, não se assustem, e que os logicos, isto é, os sophistas, não se irriteem. Haverá nesse susto e nessa irritação medo da palavra, e falsa comprehensão da palavra. Revolução é a desordem geral numa sociedade, quando a falta de unidade nos actos, e nas idéas, é uma resultante de falta de generosidade dos sentimentos, pela auzencia de uma doutrina altruistica commum:—é o nosso estado, como o de todo o Occidente, estado fatal que os republicanos soffremos, sem o ter exclusivamente creado: estado que continuará no nos-o paiz, qualquer que seja sua forma de governo, Monarchia ou Republica, até que uma crença scientifica commum dirija todos os espirit-s. Revolução é, politicamente falando, o levantamento em massa de um paiz ou de parte de um paiz, afim de derribar a instituição politica, com ou sem apoio da nação inteira, por meio das armas no campo da batalha, ou por meio dos pronunciamentos nos parlamentos, na praça publica, nas reuniões, na imprensa, na tribuna, pelos artigos, pelos pamphletos, pelos livros, pelos discursos, pelas prelecções, pelas interpellações representativas, pela intimação ultima e positiva ao chefe do Estado para a obtenção de um certo fim:—temos na nossa historia exemplos da revolução armada em 1817,

em 1824, em 1842 e em 1848: temos um exemplo d' esta revolução menos violenta, mas não menos efficaz e energica, sustentavel comtudo, em caso de necessidade, pela força armada: o 7 de Abril. A Revolução armada suppõe uma guerra civil, suppõe hostilidade tambem armada de parte da nação; si bem que eu a admire em bellas passagens de nossa historia e da historia da Humanidade, comtudo o meu espirito republicano, fraternal, só extremamente urgido aceitaria e aconselharia esse morticínio, embora de indignos compatriotas. Mas o segundo aspecto da revolução, com o apoio tacito ou expresso do paiz inteiro, apoio que se manifesta pela sua imprensa, pela sua tribuna, pelo seu voto contrario ao elemento monarchico, revolução de que temos exemplo proveitoso no nosso 7 de Abril, revolução em que pequenas escaramuças e motins inevitaveis não tiram o character geral de paz ao movimento, revolução que muna-se mesmo da milicia necessaria para sustentar-se, e que, no caso de opposição, não trepide diante da violencia para com os mais retrogradados elementos da nossa sociedade, essa eu não trepido em aconselha-la, convicto de que o Paiz é republicano, de que as forças republicanas não devem medir-se apenas pelas do partido correspondente, convicto de que a Republica é idéa, sciente ou inscientemente, pouco importa, assás alastrada no vasto espirito anonymo nacional. Essa revolução eu não hesitaria em auxilia-la com as minhas poucas forças, convicto de que seria geral, como o indicam diversos movimentos passados, em pontos os mais diversos do paiz, convicto de que a Monarchia não tem por defensores, e defensores sem fé na propria causa, sinão os membros da Familia Imperial. Os bons Cidadãos, meus Senhores, ou viriam trazer o seu concurso á obra a cuja vanguarda nos collocassemos nós, ou nos olhariam com prudente, mas sympathica e adhesiva espera;—os mãos, os roedores humanos, que em todos os tempos solapam succedamente o thesouro material, intellectual e moral da Patria, a raça dos aduladores, essa alimentaria a espeanga do goso e da delapidação na nova ordem politica:—ergueriam aclamações aos que chegassem ao

tôpo da montanha... Para ser completamente claro, direi que aconselho um movimento de opinião, uma agitação de propaganda, que, reagindo sobre o elemento central do paiz, possa impor, 'numa marcha a S. Christovam, à Senhora Princeza Regente—a abdicção ou a deposição, e ao Principe Esposo, o exilio, ou, no caso de resistencia, a execução. A execução:—porque é perdição o sentimentalismo em politica: a pena de morte deve existir para este caso extremo: o do «*mais sujo dos crimes*»:—a traição à Patria. Mas eu tenho convicção de que a Senhora Princeza abdicaria, e de que o Principe se exilaria; de que a Nação não se veria a braços com uma guerra civil; de que, ensinados pelo exemplo das dissencões que impossibilitaram as Regencias, e que nos fizeram cahir no 2º Imperio, mais educados hoje, seriamos mais unidos e patriotas, de modo a possuir a Republica.

E' erro suppor que esse periodo, embora de difficuldades e de provas, trouxesse a desordem. As nações são como os individuos: a molestia accidental não exclue a vitalidade longa e nativa. Maior abalo que a instituição da Republica, que afinal, reduz se, como destruição, a aprear do poder uma familia sem apoio da nação, está causando a abolição da escravidão, medida necessaria sem duvida, mas em nada economicamente preparada, e que deu a prova do como o governo guarda a fidelidade à sua palavra. Porque o certo é que a monarchia praticou um bem: mas trahiou a lavoura. Neste caso foram muitos os individuos feridos em seus interesses; no da substituição da forma de governo serão todos interessados favoravelmente, e só um grupo perderá em seus lucros inconfessaveis de privilegio e de renda hereditarios. Comtudo, Senhores, outro erro dos falsos evolucionistas, é suppor que a mudança politica se fará sem ataque à instituição fundamental, ou às p ssoas imperiaes, como si fez a abolição da escravidão. Aqui tratava se de uma reforma social, em que o throno, embora em perigo, poderia sobrenadar acima dos destroços da instituição maldita; agora não, é de uma reforma politica propriamente que nos occupamos, em

que o atacado é o proprio throno, que deve afundar no nada desse terrivel desprezo dos tempos. Si a revolução abolicionista fez se nos *quilombos* e nas *fazendas*, a revolução politica precisa ser feita nas ruas, e em torno dos palacios do Imperante e de seus ministros... Nada pôde dispensar, portanto, um movimento francamente revolucionario. Que resista o governo á nossa acção theorica para que se opere a nossa revolta pratica, ou que, num dado momento, entremos per nós no terreno dessa revolta pratica:— sempre um movimento revolucionario.

Para isso, nossa primeira necessidade é uma imprensa que fale linguagem clara, comprehensivel, terminante, franca, decidida ao combate; será o apello ao povo, a formação decisiva da opinião republicana. Nossa necessidade é a aggremação de todas as foças do partido republicano, já quanto aos elementos materiaes pecuniarios, já quanto á sua disciplinação. Nossa necessidade é a reacção da nossa propaganda sobre o conjunto da Cidade do Rio de Janeiro, é a arregimentação do espirito republicano naquella Cidade; pois, si, sem desconsideração para com os nos-os correligionarios fluminenses, podemos dizer que si a Independencia partiu de São Paulo, a Republica tambem de São Paulo partirá, comtudo é certo que, alem do apoio das foças abertamente irmãs, muito carecemos do apoio do elemento popular fluminense, que secretamente comnosco sympathisa; e a Historia nos mostra que de todos os nossos movimentos politicos o que pela sua sede, teve mais prompto e mais seguro exito, foi o de 7 de Abril:— demais, parece de bõa regra militar atacar-se o inimigo onde elle se acha; cerca-lo no seu reducto, impondo-se-lhe a capitulação. Nossa necessidade, afinal, quer para a destruição, quer para a organização immediatamente posterior, é a communicação continua e constante com os nossos correligionarios de outras provincias, e em particular com os nossos valentes irmãs rio grandenses, com os nossos tradicionaes irmãs mineiros, com os nossos esperancosos irmãs fluminenses... Assim, fico em que o tri-

umpo será certo. O momento é o mais opportuno para a instituição da Republica no Brazil, é o mais adequado para a sua instituição sem grande abalo social; a nação inteira está mesmo à espera de um novo estado de cruzas, sente-se nas vespersas de uma reorganisação. O partido dito conservador invade o terreno das reformas liberaes, o partido liberal arvorar a bandeira da federação, que bandeira arvoraremos nós? Certo que a da Republica immediata, e pois a da Revolução. Estejamos, Senhores, á altura do momento historico, sejamos politicos habeis, façamos a Revolução para fazer a Republica, para fazer a Ordem e o Progresso da Patria. O perigo em que ella se acha de perder o regimen de Liberdade e de Trabalho, pela oppressão clerical e pela guerra, deve animar nesso patriotismo para a lucta victoriosa, ou para o martyrio!

Quanto a mim, Senhores, para juntar á palavra á resolução, vos direi que estou ao vosso dispor, quer para morrer no combate, balbuciando as esperanças de futuro, quer para no dia do triumpho entoar as acclamações da victoria; — irei á Cidade em que resido, despedir-me-ei da esposa e dos filhos, e virei collocar-me ao lado dos companheiros.

*(O Orador é muito applaudido e cumprimentado.)*

# HISTORIA—PHILOSOPHIA—POLITICA

(Propaganda Republicana)

DO MESMO AUTOR :

## A Patria em Perigo

(BRAGANÇAS E ORLEANS)

Conferencia-meeting sobre a actual situação brasileira, realizada na cidade de Santos, em a noite de 28 de Janeiro de 1888.—S. Paulo. Typ. da «Provincia», Fevereiro de 1888. 14 pags. Edição de 4050 exemplares, esgotada. Transcripta no «Paiz» do Rio de Janeiro.

## A Patria em Perigo

(BRAGANÇAS E ORLEANS. SEGUNDO OPUSCULO, SUPLEMENTAR.)

Discurso pronunciado na conferencia-meeting realizada em a noite de 28 de Fevereiro de 1888 na cidade de Campinas. Discurso pronunciado no meeting realizado em a noite de 5 de Março de 1888 na cidade de Santos.—Campinas. Typ. da «Gazeta», Março de 1888. 34 pags. Edição de 200 exemplares, esgotada.

## Salvação da Patria

(GOVERNO REPUBLICANO)

Conferencia realizada no Club Republicano de São Paulo, em a noite de 7 de Abril de 1888. Santos. Typ. & vapor do «Diario», Maio de 1888. 48 pags. Edição de 4050 exemplares. Transcripta na «Provincia de S. Paulo» de S. Paulo.

## Salvação da Patria

(GOVERNO REPUBLICANO. SEGUNDO OPUSCULO, SUPLEMENTAR.)

A Revolução. Discurso pronunciado no Congresso Republicano de S. Paulo, em a noite de 21 de Maio de 1888. Santos. Typ. do «Diario», Junho de 1888. 18 pags. Edição de 2000 exemplares.

L-8 · C-31

M/10033

